



O PC do B chora pelo tirano da Coreia?

Quando terminou a guerra, na década 1950, o território da Coreia foi dividido em dois. O do Sul ficou sob a influência do imperialismo americano, o do Norte ficou sob a batuta dos comunistas imperialistas da extinta União Soviética e da China. Em 2010 o Produto Interno Bruto da Coreia do Norte atingiu 40 bilhões enquanto o PIB da Coreia do Sul foi de um trilhão e 330 bilhões de dólares. Diz o Livro Negro do Comunismo, organizado por Stéphane Courtois, que de 1953 a 1998 chegaram a 1,5 milhão de norte-coreanos mortos “pelos quais o comunismo coreano seria diretamente responsável”. Os dados confirmam outra assertiva do livro: em toda sua história “os países comunistas produziram mais cadáveres do que bens de consumo”.

Na década de 1950 assumiu a Coreia do Norte Kim Il Sung, que governa com a cartilha comunista: sem oposição, sem judiciário, sem liberdade, sem imprensa livre e prisões cheias. E sem dar vida digna ao povo. Ao morrer assumiu o filho Kim Jong Il, que governou como se o país fosse propriedade da família. Agora assume o neto Kim Jong-un que, segundo a baboseira oficial, é “respeitado camarada nascido no céu”. O diplomata norte-coreano no Zaire KohYungHwan disse ao “Le Figaro”: temos um “sistema mais rígido do que o das castas”. O sistema é tão perverso que os deficientes físicos, não podem residir nas grandes cidades, são deportados e isolados nas montanhas e ilhas do Mar Amarelo. Essa loucura está explícita numa ordem de Kim Jong Il que encabularia Adolf Hitler: “a raça dos anões deve desaparecer”.

No caos de opressão, miséria, mistificação e crueldade da anacrônica Coreia a morte de Kim Jong Il leva a imprensa questionar o choro das pessoas que se aproximam do caixão do tirano. A TV estatal inundou nossas casas de gente chorando à beira da histeria e nós questionamos: é choro sincero ou é encenação?

Assim, vamos à pergunta insólita: fora os familiares, a nomenclatura e nosso PC do B que recebeu “com profundo pesar a notícia do falecimento do camarada Kim Jong Il” líder da República Popular Democrática da Coreia, quem mais choraria pelo genocida? Creio que os chorões na TV estão só salvando a própria pele. Czeslaw Milosz, Nobel de Literatura, que sentiu a tacção do stalinismo disse: “Oficialmente, contradições não existem na mente dos cidadãos das democracias populares. Ninguém as ousa revelar publicamente. Ainda assim, a questão de como lidar com elas é apresentada na vida real. Mais do que os outros, os membros da elite intelectual estão cientes desse problema. Eles o solucionam tornando-se atores”.

Czeslaw lembra que nessas democracias “o medo paralisa a individualidade e faz as pessoas se ajustarem o máximo que podem ao medíocre de seus gestos, roupas e expressões faciais.” A partir disso as pessoas que vivem nessas democracias populares de um partido só, de um dono só, de uma vontade só, de um jornal apenas, sobrevivem e sobem na vida atuando como se num palco estivessem. A vida torna-se esquizofrênica por que “até mesmo gestos, tom de voz ou preferência por algum tipo de nó de gravata são interpretados como sinais de tendências políticas.” Ao abordar essa dolorosa situação imposta pelos comunistas a seus povos Czeslaw fala em Kertman, ou seja, à capacidade da pessoa fingir de modo convincente. Pelo que vi e senti em Cuba e pela vivência de Czeslaw esse choro histérico dos coreanos é encenação de quem precisa ficar bem com os novos mandachuvas. Quem sabe quem é o dedo duro de plantão?

Mais, salvo melhor juízo creio que Partido Comunista do Brasil escancarou (de modo ingênuo?) à opinião pública um desprezo pela democracia. Enquanto democratas lamentam a morte de Vaclav Havel, nossos comunistas choram Kim Jong Il. Pode?



Magia e a sensualidade em campo

Um domingo brasileiro é feito, também, para curtir o futebol, essa arte que teima em não morrer embora a safadeza que vigora nos bastidores comandados por cartolas inescrupulosos, que insistem em emporcalhar essa paixão mundial. Quando, entretanto, o espetáculo se apresenta preñado de sensualidade e magia, como esse proporcionado pelo Barcelona no jogo como Santos, o sujeito fica embevecido, vibra e até esquece que torcia para o time perdedor. Depois de muitos e muitos anos finalmente tivemos um domingo com futebol da mais alta qualidade, mesmo que se restringisse a um lado só.

Assistindo de olhos arregalados a maneira como os espanhóis faziam a bola deslizar em campo, perplexidade que nos assomou nos remeteu ao espanto que assomou os indígenas dos Andes quando da chegada dos conquistadores liderados por Pizarro. Ali, como em Yokohama, se acreditou que havia algo do outro mundo. Além do mais, esse jeitinho da bola passear de pé em pé fez o expectador se beliscar para constatar se estava sonhando, e se perguntar se não é atitude antiesportiva colocar onze mágicos dentro de campo para disputar um torneio de futebol.

Torcedores brasileiros mais afoitos, alegando fraude estão exigindo que a FIFA suspenda o resultado que colocou o Santos de quatro até que se faça investigação para examinar em detalhes a bola e as chuteiras dos jogadores espanhóis. Suspeitam que somente um sistema de imãs pode explicar essa relação eficaz dela com todos os pés deles. Sinceramente, descarto essa hipótese. Também descarto o papo de que o futebol jogado pelo Barcelona é futebol roubado do Brasil. Não sou lá muito apegado às teorias das conspirações. Óbvio que não descarto a possibilidade de magia!

Creioque a espantosa, eficiente e afetuosa relação dos jogadores da Catalunha com a bola está mais para a esfera da sensualidade. O modo suave e doce como fizeram a bola buscar carinhos de pé em pé durante todo jogo nos remeteu para um cenário afrodisíaco. Cenário onde mãos de cavalheiros vigorosos e gentisafagam com ternura corpos sedosos de fêmeas sedentaslevando-as a espargir libido até chegar ao clímax. No caso, aqui, ao gol. Lembrem-se que a bola sempre demonstrou querer fugir dos pés dos brasileiros, enquanto parecia desejar se aninhar nas chuteiras espanholas. Como explicar que aquela bola tenha, literalmente, abraçado o pé de Xavi dando-lhe condições para o segundo gol? Não é por nada não que ela ficou ao lado dos espanhóis durante 70 por cento da partida. Quem é maltratado não fica tanto tempo assim ao lado de alguém, a menos, lógico, que seja masoquista, e me parece que este não foi o caso.

A verdade é simples: quando um time joga como o Barcelona noudomingo não há como julgar o adversário. As palavras do Neymar ao final (craque com desempenho varzeano) resumiram tudo: o Barcelona nos ensinou a jogar futebol. O Santos, o todo poderoso Campeão da América foi posto de forma bisonha na roda, e as expressões de perplexidade de Muricy Ramalho e de menino chorão de Borges sintetizam o que foi a final do mundial de clubes. Agora, traumatizados, voltaremos aos bancos escolares...

O Barcelona mandou, ainda, outros recados ao brasileiro que gosta desse jogo: o futebol é um esporte coletivo, o imediatismo é praga, é possível ganhar jogando com arte e os comentaristas não devem nos tratar como oligofrênicos pelo ufanismo e ausência de objetividade em suas análises.



As travessuras dos marmanjos

UM – O que leva o marmanjo que teve um berço farto, tem estudo, tem posição social, tem dinheiro a praticar incompreensíveis travessuras? Por qual motivo o cara já adulto, que já vota, dirige, cursa faculdade, tem emprego, tem namorada, fica fazendo porcarias como se fosse criança mimada? E faz porcaria apesar dos apelos que brotam de todos os lados: pais, professores, autoridades. A pergunta vem a propósito do barulho infernal que os marmanjos bem nutridos teimam em fazer na área urbana como se vivessem sozinhos.

Por ocasião do evento da Assembleia Permanente pela Preservação Ambiental (APPA), para avaliar as ações no decorrer do ano, a questão da poluição sonora foi posta entre os principais problemas dessa área em Passo Fundo. É um problema a mais sobrecarregando organismos com deficiência de pessoal como a Brigada Militar e o seu Batalhão Ambiental. Será que o menino mimado barulhento não se dá conta que sua atitude imbecil leva a sociedade desperdiçar dinheiro (já escasso) e tempo precioso de funcionários municipais, de promotores, de juizes, dos órgãos de segurança?

Vamos deixar claro: cada um é livre para ouvir o que quiser no volume que bem entender (acelerar sua surdez como desejar). Agora, não tem direito de impor seu gosto musical e nem submeter aos demais à tortura do barulho que agride os tímpanos. Como o problema não terá fim tão cedo, apesar da ação enérgica das autoridades, os vereadores bem que poderiam pensar num tipo de punição diferente aos meninos barulhentos. Fazer uma lei tipo olho, por olho, ou melhor, som por som. É fácil: anota-se o nome, o endereço e os decibéis que o falso-adulto produz e no dia seguinte repicar a situação infernal na frende da casa dele. Acho que será um santo remédio...

DOIS – Outra travessura incompreensível nestes tempos de perplexidades diz respeito aos marmanjos que dirigem e emporcalham a União Nacional de Estudantes (UNE) de tantas lutas memoráveis. Nadando em dinheiro farto que escorrem dos cofres públicos os meninos estão dando um exemplo cabal do significado da expressão: o poder corrompe.

Cito a imprensa nacional: “A exemplo do que está ocorrendo com a maioria das ONGs financiadas pelo Ministério do Esporte, a maneira como a UNE gasta o dinheiro dos contribuintes também é, no mínimo, perdulária. Depois de identificar recibos frios e gastos com restaurantes de luxo e bebida importada nas contas da entidade, o Ministério Público Federal pediu as cópias das prestações de contas da entidade aos Ministérios e empresas públicas e sociedades de economia mista com que mantém convênios. E, no dia 6 de agosto, a Procuradoria-Geral do Ministério da Fazenda lançou a UNE como inadimplente no Cadastro Informativo de Créditos não Quitados do Setor Público Federal (Cadin)”.

É, a UNE de hoje é bem diferente daquela UNE que foi para as ruas, que enfrentou as baionetas, que enfrentou a tortura, que enfrentou a prisão, que lutou contra a ditadura. O PC do B, para preservar seu próprio passado deveria ser mais enérgico com os marmanjos que se encastelaram na União Nacional de Estudantes e que vivem de mãos dadas com o poder que irriga seus cofres e, conseqüentemente, dobra a sua espinha...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Quando o jeitinho leva à corrupção geral!

O Brasil já se consagrou como o país do jeitinho.

Em alguns momentos chegamos a nos orgulhar bastante dessa característica que seria só nossa, apenas deste país tropical, bonito por natureza e abençoado por Deus. Esse jeitinho se constituiria numa espécie de aditivo lupiniquim para o qual apelamos quando a coisa emperra, não anda ou anda mal e as regras vigentes ajudam pouco. Há quem diga que Walt Disney criou o Zé Carioca, um de seus personagens famosos, justo observando a malandragem do carioca que incorporaria o típico jeitinho nacional.

No auge da sua exitosa carreira o piloto Ayrton Senna, tido como o melhor da história da Fórmula 1, foi analisado, avaliado, dissecado, por vários ângulos por quem desejava encontrar explicação para tanto talento. Em dado momento alguém, salvo leve engano um jornalista inglês, disse que o que fazia de Senna um piloto excepcional era o jeitinho brasileiro de guiar o carro e cujo ouvido dialogava eficientemente com sua máquina. Idiossincrasia brasileira nas curvas, nas ultrapassagens, nas marchas o levava ao pódio diante do espanto de alguns concorrentes. É possível algo assim? Não sei, há sociólogos e antropólogos dizendo

que sim. Entretanto, essa capacidade de improvisar, de manobrar um espírito criativo que marcaria a cultura do brasileiro na hora de alcançar determinado benefício pessoal está revelando também sua faceta perversa. E atrás delas muitos se escondem.

Um grupo de pesquisadores, inclusive estrangeiros, estudou a questão e concluiu que "a relação entre moralidade e jeitinho é especialmente curiosa, pois alguns afirmam que a prática generalizada do jeitinho cria condições para o estabelecimento de um clima de cinismo e delinquência para julgar moralmente as ações dos outros, além de modificar a maneira como atos morais são julgados pelas pessoas".

Assim, ao mesmo tempo em que esse jeitinho se refere a certa habilidade sutil para superar determinado problema, contornar obstáculos, ele tem se ligado, com frequência cada vez maior, a comportamentos imorais. A realidade é dura: o jeitinho tem contribuído inclusive para que a corrupção campeie desenfreadamente entre nós.

E tem impedido que posturas republicanas se alastrem em todas as esferas de governo com terríveis prejuízos para toda a

população.

Vamos pegar o caso da semana passada (segundo a Folha de S.Paulo): "Verbas destinadas a obras públicas pelo líder do PMDB na Câmara, Enrique Eduardo Alves (RN), foram parar na empresa de um assessor do próprio deputado". Coisa de gênio? Ou coisa de malandro? Pode uma coisa dessas? Não poucos entendidos no assunto destacaram que legalmente não existe buraco no procedimento desse parlamentar: ele seguiu o trâmite estabelecido no parlamento. Certo, é legal essa malandragem, mas moralmente isso é aceitável? Além do jeitinho (na prática certa mania de inventar desculpas para fazer a coisa errada) nosso cotidiano mostra lista interminável de atitudes que revelam uma moral bastante elástica de nossa parte. Quando listamos o que somos capazes de fazer ficamos quase encabulados para condenar a atitude desse parlamentar. Creio que é interessante refletir a respeito, pois temos incorporados atitudes inadequadas, moralmente condenáveis, com as desculpas mais incriveis. Como por exemplo, ocupar a vaga para o portador de deficiência no estacionamento sob a alegação de que ela estava vazia...



Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Um cacique chamado Nheçu

A rica história da ocupação da região Missioneira do Estado (no passado remoto por povos que entraram na América pelo Estreito de Behring e, bem depois, por jesuítas e os enviados das coroas de Espanha e Portugal) tem figuras extraordinárias. Cinco delas, da primeira fase da implantação das chamadas reduções (logo depois de 1600) estão no centro de um debate instigante: os três mártires Roque Gonzáles, Afonso Rodrigues e João de Castilho, da Companhia de Jesus e os caciques guaranis Neenguiru e Nheçu (êmulos de Sepé Tiaraju?).

Os padres são reverenciados no Santuário de Caaró, Diocese de Santo Ângelo, onde multidões lembram o sacrifício deles pela fé católica além de pedir e agradecer graças. Neenguiru, o cacique que foi receptivo às novas dos jesuítas recebe homenagens (em Palmeira das Missões, por exemplo, é nome de escola). O vilão da história de quase 400 anos seria Nheçu (o cacique que reagiu contra o estrangeiro que chegou à sua terra para contestar seu deus, seus valores, seus costumes) tido como responsável pela morte dos três sacerdotes. Um assassino se levarmos ao pé da letra alguns textos.

Visando mudar o que está posto na história oficial, na pequena Roque Gonzales (cidade com fermentação cultural inversamente proporcional ao tamanho) atua com vigor a Associação Cultural Nheçuanos. O principal objetivo é colocar Nheçu no lugar que merece um líder que defendeu seu povo, seu território, suas crenças, seus costumes diante do invasor. Como apoio de intelectuais como Nelson Hoffmann, Ruy Nedel, Enéas Athanázio, entre outros, a entidade, integrada na maioria por jovens, edita jornal, promove debates, seminários e realiza um encontro anual, que fui ver de perto. O jornal "O Nheçuano" estampa no cabeçalho algo que não deixa dúvida sobre o que pretende: "Nheçu, líder indígena Guarani, defensor do seu povo, sua cultura e sua terra, pioneiro na resistência aos conquistadores no século XVII, na atual região das Missões, RS".

A tarefa de resgatar a postura de Nheçu (a Reverência, em Guarani) e, o que dizem ser mais importante, a verdade histórica, ganha adeptos a cada ano e apresenta sutilezas incríveis, como evitar denegrir a imagem dos jesuítas e não confrontar os católicos. Não é pouco levando em conta textos como este do padre Roque Schneider: "De salto alto em sua empáfia e liderança, o também Cacique Nheçu apresentava-se como deus dos guaranis, o único representante das legítimas tradições indígenas locais."

Que assumiu a causa de Nheçu e de reescrever parte da história da ocupação das Missões desenvolve uma ação de convencimento que abrange o coração e a razão das pessoas e é feita com argumentos de cunho jurídico (até à luz do direito internacional), sociológico, filosófico, político, histórico e moral.

Para quem, como eu, estudou na Escola Cacique Neenguiru e no Ginásio Três Mártires, ambos de Palmeira, é quase uma aventura buscar nova posição sobre o embate entre europeu e os primitivos habitantes das Missões. E, quando tomamos conhecimento da postura de Nheçu para defender os seus, é impossível dividir as coisas entre bons e maus. Daí a grandeza do desafio do movimento dos jovens de Roque Gonzáles.



O capitalismo vai desaparecer?

Coisa divertida é assistir os debates que sinalizam a possibilidade do capitalismo desaparecer. O fim do capitalismo é tema recorrente, ressurgindo a cada crise econômica. O cara levanta de manhã, toma um copo de leite gelado, pega o jornal, lê a manchete, e conclui: sem acabar com o capitalismo o mundo continuará uma droga. Aí volta para a cama para terminar a curada ressaca. O lamentável é que a cada geração perdemos uma geração numa discussão bizantina que impede de encontrarmos uma saída palpável.

Prestem a atenção: no século passado o comunismo ou socialismo real, como alternativa ao capitalismo, vigorou na Rússia, na Ucrânia, na China, na Alemanha Oriental, na Iugoslávia, na Tchecoslováquia, na Polônia, no Vietnã, na Coreia do Norte, na Albânia, no Laos, no Camboja, em Cuba, em vários países africanos (me ajudem, aonde mais, aonde mais?) e o que ocorreu? Sobram excrescências: Cuba, que de forma acelerada adota as regras do capitalismo condenado durante 50 anos, Coreia do Norte, o Vietnã do Norte e onde mais mesmo? Nem falo da simpatia que o socialismo real assassino e inepto tinha aqui nas Américas, na Índia, nos países árabes...

Agora, com a crise nos EE.UU e na região do Euro os zumbis do socialismo real, os mesmos que apoiaram esse sistema nos países que citei que fizeram mais de 100 milhões de mortes e deixaram seus povos na miséria, ressuscitam babando de alegria e esfregando a mãos: é agora, agora vai implodir tudo! A falta de memória é uma praga que dificulta o entendimento, por isso esses debates surgem como coisa velha, podre.

Um oligofrênico chegou ao ponto de citar a China de nossos dias como saída para o sistema capitalista. Não consigo entender um grau tão elevado de desonestidade intelectual. A China chegou aonde chegou (e não é nem a metade da população chinesa que saiu da miséria absoluta) porque as grandes empresas capitalistas multinacionais (talvez o que há de pior no sistema) foram chamadas pela nova geração de dirigentes do Partido Comunista (que comanda tudo sem democracia) e entregou ao grande capital internacional um mercado fantástico e uma mão de obra praticamente escrava. Deu no que deu e a China, seguindo as piores regras do sistema capitalista, ainda vai dar muito que falar.

Um parêntese terrível: justo onde o capitalismo não conseguiu se impor estão os maiores bolsões de miséria, sendo a África o exemplo mais doloroso.

A coisa é trágica (e não divertida, esta é a verdade) porque nos movemos como engenheiros de obra pronta, ou seja, relacionamos com detalhes as mazelas do mundo, apontamos facilmente as falhas do capitalismo, mas não conseguimos, minimamente, propor uma alternativa coerente eficaz. E o fato de não termos ainda encontrado uma alternativa não deve nos desanimar, nós precisamos dela com certa urgência, pois que com os novos processos de comunicação tudo ferve mais rápido. Mas não veremos luz na frente se continuarmos com o ranço ideológico embutido em nossos argumentos e que tem empanando as mentes mais brilhantes e, pior, impedido que a academia exerça o seu papel de farol...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Os brasileiros e a cultura pela morte

A estatística da mortandade diária é estarrecedora, mas a gente não tá nem aí! Estamos anestesiados. Estamos morrendo como moscas e nossas atitudes, as nossas e as das nossas autoridades, são apenas pontuais. Nossa crise moral nos impele a varrer para debaixo do tapete algumas questões relevantes. Nosso jeitinho se torna câncer com quase 30 partidos políticos, por exemplo, não conseguimos estabelecer um projeto de Brasil, algo duradouro que fuja do oportunismo eleitoral de qualquer sigla. Nossas perspectivas de futuro como Nação são pífias e nossas instituições parecem enfermas.

Segundo a administradora do DPVAT – o seguro obrigatório dos veículos – 160 pessoas morrem por dia no trânsito neste amado Brasil. São 4.800 óbitos por mês, ou a astronômica cifra de 58.400 pessoas por ano, a maioria dos mortos entre 21 e 30 anos. Claro que essa matança não nos impressiona mais, ela é digerida nas refeições na hora do noticiário como algo banal. Sim, o avião, quando cai em meio às chamas ainda toca nossos corações, mas essa matança equivale à queda de um Boeing lotadinho a cada dois dias. Concordo, não há estoque de lágrimas para tanto...

De quebra, a Associação Brasileira e de Prevenção dos Acidentes de Trânsito dá colorido mais sangrento a esses dados ao informar que nas estradas e nas ruas das nossas cidades produzimos 500 mil feridos por ano. Quantos ficam inválidos? Quanto dinheiro é gasto para atender essas pessoas?

Por outro lado, um estudo global feito pela ONU revela que em 2010 ocorreram 43.016 homicídios no Brasil. Isto significa, nesta realidade insana, que 120 pessoas são assassinadas no Brasil a cada 24 horas. Em se tratando de assassinatos nós, aqui na América do Sul, só perdemos para a Venezuela do paranoico Chaves e para a Colômbia, que está às voltas com uma guerrilha.

Mais, computando-se as diferentes estatísticas relativas aos óbitos pelo consumo de álcool, cigarro, cocaína, maconha crack e o uso dos diferentes tipos de inalantes, o número de mortes chegaria a 120 mil por ano. São mais de 300 vidas ceifadas por dia.

São números doentios e paramos neles, pois a dimensão quando se trata da nossa relação com a violência, a morte, a crise moral é assustadora e pode nos tornar ainda mais distantes ainda da realidade. Para nos comover adiantaria citar ainda os milhares de casos de assaltos e roubos, os milhares de roubo de cargas por ano, os milhares de estupros por ano, os milhares de mortos por falta de segurança no trabalho, os casos de violência contra menores, os...?

Friamente os números revelam que há algo de assustador na sociedade brasileira e que tende a se agravar pelas terríveis deficiências no nosso ensino fundamental, pelo paternalismo adotado nos programas destinados aos setores sociais carentes, pela ausência de exemplos a serem seguidos, pela crise de valores a serem cultivados, pela balbúrdia partidária, pela indigência moral de muitas celebridades... Há saída para esse caos que tende se incrementar? Sem um novo pacto fica difícil crer que podemos trocar a atual cultura pela morte por numa cultura pela vida...

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Onde nasce o ódio pelos Estados Unidos?

Há coisas que não mudam. O ódio contra o americano é uma. Estive entre os piás e suas teses "lúcidas, válidas e inseridas no contexto" que queimavam a bandeira vermelha branca e azul cheia e listras e estrela, símbolo de todos os males. Era lindo de ver, ali, na rua, o fogo, semelhante – a gente achava – ao fogo do inferno queimando o pano símbolo do imperialismo. O fogo alimentava o ódio juvenil e gratuito contra os EE.UU, fazia a farra do fabricante de bandeira que sempre tinha bom mercado para seu produto e nos tornava inocentes úteis da parte cínica da intelectualidade europeia.

Creio que a preguiça e a inveja são dois fatores fortes para que a gente mantenha aceso o ódio contra. A lista de fatores é longa, dentre estes citamos o esquisito desejo da esquerda europeia de globalizar o mundo sem o mercado, no dizer do francês Jean-François Revel. Europa, recorde para não passar por imbecil, que fez os crimes do franquismo, do fascismo, do nazismo, do salazarismo, do comunismo; Europa que fez o bem-estar que desfruta hoje em cima da riqueza rapinada na Ásia, África e Américas. Revel refresca a memória: "Coisa estranha, é sempre na Europa que surgem as ditaduras e os regimes totalitários, mas é sempre a América que é fascista".

A inveja é fácil de entender, é componente da natureza humana. Ah, meu Deus, como é difícil admitir que o vizinho lá da outra rua tenha mais grana por que foi mais eficiente, mais esforçado, mais inteligente, e não por que andou explorando. Os dados mostram que em 1700 a economia da América do Norte – daquela gente que saiu da Inglaterra dentro do My Flower – era equivalente à economia da América Latina. Em 1900, a Europa detinha 70% da produção industrial do mundo enquanto a economia americana ainda engatinhava.

Entre centenas de vários exemplos possíveis pego a Argentina que, exportando produtos primários (carne, lã, trigo, entre outros) chega ao final da segunda guerra mundial como quinto PIB mundial. Hoje está quebrada e culpa o FMI por suas mazelas. Um general megalomaniaco, Peron e uma ex-prostituta, Evita, botaram o país no buraco expulsando os capitais ingleses que haviam colocado o país no topo mundo enquanto o Brasil ficava remando. A inveja e a ignorância de Peron e Evita fez escola, sendo os irmãos Castro, Allende e Hugo Chávez os alunos mais emblemáticos.

A preguiça, esse é o ponto mais complexo. É mais fácil estabelecer um inimigo, botar defeitos nele e dizer que ele é o responsável pelo nosso infortúnio. Como não conseguiremos produzir nada, afinal de conta nosso inimigo será implacável, ficamos torcendo para que ele se estrepe. E aí, com preguiça, a gente deixa de se informar, de conferir a veracidade do que nos colocam goela abaixo. Foi assim com minha geração...

Temais mais e o diplomata brasileiro José Osvaldo de Meira Penna encerra este meu escrito "É sabido, diz, que um dos métodos mais universalmente praticados por governantes ameaçados, para amainar conflitos internos, consistem em projetar os ressentimentos populares sobre bodes expiatórios estrangeiros. O recurso favorito à xenofobia como instrumento de mais imediata disponibilidade, em amplo espectro que vai da esquerda à extrema-direita, é a frase: a culpa é dos americanos."

Contraponto

valdino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



A polêmica sobre o movimento tradicionalista gaúcho

Virou tradição: todo ano, em setembro rebrota a polemica sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho. Intelectuais e professores de história de expressão, entre eles Tau Golin, fustigam o MTG com argumentos fortes e ao leigo cabe concordar ou iniciar estudos para discordar com fundamento. A lista dos pontos que coloca o movimento na berlinda é grande: historicidade inventada, posturas não republicanas, herdeiro de ordem ditatorial, obstáculo para a chegada da modernidade. A isso e muito mais não é algo que se diga sim ou não, simplesmente. Há uma complexidade por trás!

De tudo o que é condenado pelos intelectuais é possível verificar rapidamente, que há, sim, invasão de espaço público de parte de uma iniciativa privada como é o caso do MTG e que alguns procedimentos mereceriam discussão mais serena de todos nós. Quanto ao restante das questões há controvérsias – os historiadores são plenos delas quando o viés ideológico se faz presente –, porém tenho minhas dúvidas se essa pujança do movimento tradicionalista é consequência de herança ditatorial. Acho isso simplista. Particularmente, estou propenso a crer que o movimento se espalhou por que havia um imenso espaço vazio entre nós, um vácuo neste caldo de etnias que faz nosso Estado.

O que é hoje esse espetacular aparato do MTG – com representação em todos os municípios do Rio Grande através do CTG, com presença em vários estados e inclusive no exterior e levado nas costas pelo gaúcho (ou seria o sul-riograndense?) – nasceu numa sala de aula. Segundo diz Tau Golin, “foi inventado através de bucólica reunião de estudantes secundaristas, em 1947, no colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre”. Entre os piás presente na reunião Paixão Cortes e Barbosa Lessa.

Para mim essa é a parte que mais intriga. Mais fascina. Os piás fazem algo maior do que imaginam, são responsáveis por fenômeno sociológico extraordinário. O maior da América, talvez. Por qual motivação ou designio a iniciativa singela de estudantes, cuja ação em regra, se esfuma após portão do colégio ou some na semana seguinte, chega aonde chegou? Sobre isso tenho só palpite: a gurizada lançou aos riograndenses, todos desagarrados, algo fácil de ser assimilado por quem estava carente no vácuo.

Os guris operaram como tudo o que se transforma em cultura, em folclore, em tradição – não importa o nome – em qualquer recanto do Planeta. Cultura, folclore, tradição são coisas que o homem inventa e perpetua pela repetição e podem ser desfeitas pelas gerações seguintes. Assim, o que é nosso, autêntico mesmo, aqui do Rio Grande? É o que a gente decide, conciente ou inconscientemente: páscoa, papai-noel, saci-pererê, dia dos namorados, não comer carne na sexta-feira santa...

Sentiram a dificuldade? A exceção do índio (que dos Estados Unidos para baixo passou de Sioux, Apache, Maias, Astecas, Quichuas, Aímarás para os nossos Guaranis, Caingangues, Minuanos, Coroados) o que é genuíno do nosso Estado? Anotem: branco, negro, cavalo, vaca, ovelha vieram de fora, assim como vieram de longe gaita, violão, bombacha, bota, chapéu, soja, milho, trigo, uva, chucrute, polenta. Até o tal de gaúcho (ou gaucho) se cria com algo importado. Sim, podemos contestar muitos aspectos da invenção dos guris do Julinho – os professores fazem sua parte – mas jamais podemos deixar de reconhecer que estamos diante de um fenômeno sociológico raramente visto. Estamos diante de coisa de pia, sim, mas de coisa realmente extraordinária.

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Arado, fogo, vidro, iPod& Cia.

Algumas invenções e descobertas têm efeito extraordinário sobre a humanidade. Quantos de nós estaria vivo sem os medicamentos, as máquinas e os conhecimentos que a medicina moderna usa? Nem tudo está resolvido, é óbvio, pois apesar dos avanços exponenciais o milionário e genial Steve Jobs foi levado por um câncer no pâncreas.

Embora ainda jovem, 56 anos, ele deixa um legado, no campo da tecnologia das comunicações de cair o queixo, suas maquininhas modificaram para sempre o cotidiano de milhões de pessoas em todos os recantos, independente de ideologia, etnia, crença religiosa, cor da pele. Ele foi longe, realmente. Diante de sua morte Sandra Annenberg dividiu o mundo em antes e depois de Steve Jobs. Não fosse esse caos ético no país e no mundo, não fosse essa dolorida escassez de bons exemplos para os jovens, não fosse a carência de ações positivas diria que a jornalista exagerou. Não digo, afinal, ainda temos o direito de ter preferências também no campo da ciência e da tecnologia!

Racionalmente é possível fazer tal divisão?

Na emoção, diante de seus feitos, sim, no campo da razão tenho minhas dúvidas. Steve Jobs estará sempre entre os grandes, mas (inclusive para homenageá-lo) é preciso dizer que seus feitos, por mais espetaculares que possam ter sido – alguns são geniais – se inserem no contexto onde o desdobramento de descobertas e invenções anteriores, ao longo da história, criaram as condições para que ele pudesse ir mais longe em seu salto.

Temos a tendência de querer determinar o maior de todos, o mais alto, o mais importante como se tudo se resumisse a um torneio esportivo. E temos a tendência de não levar em consideração os vínculos que há entre algo que definimos como novidade hoje e as bases criadas ontem para obter este novo avanço. Esquecemos, com facilidade, o efeito cumulativo do conhecimento. Somos ingratos ao desconsiderar que hoje só conseguimos algo vigoroso por que ontem alguém deu um passo fundamental com alguma descoberta ou invenção que agora aproveitamos no todo ou em parte.

Hoje em dia estamos tão fascinados pelo que a tecnologia faz que esquecemos de coisas importantes sem as quais, é provável, muitas das conquistas atuais não seriam alcançadas. Os sujeitos que descobriram o fogo e a dupla espiral do DNA, os caras que inventaram a roda, a agricultura, o arado – entre centenas de outros – também poderiam dividir o mundo entre antes e depois de seus feitos. Quando olhamos as realizações da humanidade cada um tem as suas preferências.

Eu, por exemplo, sou vidrado no vidro. Esse composto de sílica (areia), soda cáustica e cal é fascinante. Os mais antigos artefatos de vidro datam de 4.500 anos no Egito. Os vidraceiros egípcios esculpam blocos de vidro maciço. Por volta de 2.000 a.C. fabricavam vasilhas e 1.500 anos depois vidros para janelas. E depois? Depois o vidro permitiu que a humanidade desse dois saltos espetaculares ao possibilitar nosso ingresso no mundo pequeno (via microscópio) e no mundo grande (pelo telescópio). Imaginaram um mundo sem o vidro?

Quem manipulou areia, soda cáustica e cal não vislumbrou que criaria condições para o homem conhecer o Universo sem fim e (apenas virando a lente) mergulhar no micromundo que o olho não enxerga. Quer dizer, Steve Jobs está em boa companhia e, possivelmente, conversando com quem inventou o vidro para prestar nossas primeiras homenagens...

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br

Battisti X Rigondeaux & Lara

Nos últimos dias a imprensa brasileira voltou a falar de Cesare Battisti, aquele terrorista italiano que ganhou status de revolucionário entre nós e que atualmente mora no litoral de São Paulo. Ele andou reclamando do frio, disseram alguns jornais. Battisti é o cara que ajudou a revelar algumas sutilezas dos homens que comandaram a política externa do Itamarati até dezembro de 2010. Para esses homens a Itália merece a confiança de uma republiqueta de banana e Cuba a reverência de uma democracia exuberante. Por isso temos terrorista como hospede especial e devolvemos desportistas a seus algozes.

Muitos governos são assim: tratam-nos como idiotas. O poder é assim, mente, oprime, prende, tortura, trai, faz parte da sua natureza. Andrés Oppenheimer dá exemplo de país civilizado (?) lembrando que o governo socialista usou o pretexto da integração com a Europa para tomar medidas de saneamento econômico que dificilmente aprovaria no parlamento espanhol em circunstância normal. Como adotou medida tão impopular? Felipe Gonzáles: à traição.

O Lula espera o ultimo momento de seu governo e dá razão à Regina Duarte. Sem encabular protege o terrorista Cesare Battisti dizendo que não dá para confiar nas instituições italianas (imprensa, judiciário, polícia parlamento, executivo). Lula ficou preocupado com a integridade de Battisti, "vítima de perseguição política em seu país". Há coisa mais insana? É crível dizer algo assim sem gerar espanto?

Battisti dirigiu os Proletários Armados pelo Comunismo (PAC), extremistas que atuaram na Itália (democrática, frise-se) nos anos 60/70 e foi condenado à prisão perpétua à revelia por quatro homicídios cometidos pelo PAC entre 77 e 79. Ele fugiu para o Brasil e pela empáfia de nosso governo, ganhou status de preso político.

Por outro lado, quando os pugilistas cubanos Gillhermo Rigondeaux e Erislandi Lara deixaram a delegação de seu país, em 2007, durante os Jogos Pan-Americanos, na esperança de conseguir asilo político, o governo de Lula devolveu os dois aos tiranos Fidel/Raul em 48 horas: quem foge do paraíso é suspeito? Não tinham passaporte disse, candidamente, o governo. Ah, por favor, merecemos um mínimo de respeito!

Um governo de outro matiz seria acusado de racista: negros do Caribe recebem tratamento desprezível, branquela do Mediterrâneo ganha privilégio! Simples: devolver os boxeadores foi covardia, impossível negar. Foi covardia inominável. O governo isola os cubanos e insinua que estavam loucos para voltar. Os pugilistas estavam saudade de casa... epa, epa, de casa? Que casa? O Malecón?

Não é demais lembrar: em Cuba há só o Partido Comunista, falar em imprensa livre é ofensivo (na terra dos Castro imprensa é verbo), o Poder Legislativo é caricatura, o Poder Judiciário é fantoche, as prisões estão recheadas por quem ousa discordar. A realidade do milênio é que a esquerda que se aglutina em torno dos irmãos Castro humilha o povo cubano, envergonha quem morreu lutando por direitos humanos, cobre de estrume nosso sonho de um mundo decente e faz a farra da direita renitente...



Assassinatos em massa: lembrar para não repetir

Em sua Ágora do dia 16, aqui no Dário, o atilado Mauricio Paim lamentou que outros episódios terríveis, como os assassinatos da ditadura de Pinochet, no Chile, não mereçam da grande imprensa o mesmo destaque dado aos atos que marcaram os 10 anos do 11 de setembro. Paim tem razão, há postura diferenciada dos grandes veículos de comunicação em relação a acontecimentos cruéis, recentes ou não.

Recordar episódios cheios de insanidade, como os 30 mil assassinatos cometidos pela ditadura argentina (a mais sanguinária das Américas), por exemplo, tem caráter educativo: obriga a refletir sobre a necessidade de buscarmos relações mais civilizadas.

Não é de hoje – e aqui a responsabilidade não é só da imprensa – que damos atenção desigual a fatos sanguinários semelhantes. A cada ano, atos especiais lembram os seis milhões de judeus que o regime nazista do insano Adolf Hitler exterminou. As celebrações objetivam gritar “nazismo não mais!” Mas, quem lembra de celebrações contra o extermínio de 25 milhões de russos (fuzilamento, fome, frio, tortura, migração forçada, trabalho escravo) do regime comunista de Vladimir Lenin e Josef Stálin?

Na Rússia, os crimes foram denunciados pelos próprios russos tal as atrocidades do regime comunista de Lenin e Stálin. Em 1953, Nikita Kruschev assume o Partido Comunista e, em 1956, denuncia os crimes do antecessor. A violência do regime comunista foi tão cruel que os russos foram ao canibalismo. Quem tem estômago forte leia Stéphane Courtois em O Livro Negro do Comunismo: “Em Kharkov (1933), são recolhidos a cada noite cerca de 250 cadáveres de pessoas mortas de fome ou de frio. Nota-se que um número muito grande dentre eles não possuía mais fígado, que parecia ter sido extraído através de um grande corte. A polícia acabou encontrando alguns dos misteriosos ‘amputadores’, que confessaram que com essa carne preparavam o recheio dos pirojki (pequenos pães) que em seguida eram vendidos no mercado”.

Na China o governo não contestou. Jon Halliday e Jung Chang (Mao – A história desconhecida) e nem Courtois de que o governo comunista de Mao Tse Tung dizimou (fome, tortura, fuzilamentos, migração forçada, prisões) 65 milhões de chineses. Mao, o grande timoneiro pedófilo, para agradar Stálin, exportava a comida que faltava para seu povo que, também, foi ao canibalismo em momentos de desespero.

A medalha de ouro dos crimes contra a humanidade dos regimes comunistas é Camboja onde em três anos e meio Pol Pot matou dois milhões de cambojanos, ou seja, um quarto da população do país. (Perdeu para não comunista Hideki Tojo, primeiro ministro japonês com 4 milhões de mortes). Sobre o comunismo em Cuba cito Courtois: “É possível fazer um balanço dos anos 60 (na ilha): entre sete e dez mil pessoas foram fuziladas, e avalia-se em 30 mil o número de detidos políticos.” Os irmãos Castro botam o Pinochet no chinelo!? O comunista Courtois garante que se aproxima dos 100 milhões a quantia de mortos nos regimes comunistas durante o século passado.

Chegou o momento estabelecermos um cronograma, ao longo de cada ano para, a exemplo do no 11 de setembro, homenagear às vítimas do comunismo, do nazismo, do franquismo, do fascismo, do salazarismo, das ditaduras – de direita e de esquerda – e das atrocidades dos Idi Amin, Kadafi, Chiang Kai-shek e demais comparsas, sempre com o lema “lembrar para não repetir”.



O onze de setembro somos nós

Quem fez os fornos nazistas, os extermínios em massa dos governos comunistas sino-soviéticos e a caterva, o ataque a Pearl Harbor, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, extirpou os povos dos pântanos no Iraque, fez os genocídios na Bósnia e no Sudão, que operou o atentado de 11 de setembro – a lista não cabe na página do jornal – pode ser considerado civilizado?

O 11 de setembro é só outra tragédia a revelar o que nós ainda somos capazes em matéria de atrocidades; é só outro fato a provar que é incomensurável a crueldade que integra a natureza humana. A dizer que parte de nós ainda não saiu das cavernas, a dizer que somos medrosos, covardes, que somos mesquinhos, vis.

Até recentemente espantava uma enorme quantia de pessoas, tidas como letradas, que aplaudiam a insanidade desse terror em Nova Iorque. Parei de me espantar ao me dar conta que muitos se regozijaram com todos os demais crimes perpetrados contra a humanidade. Para cometer maldade, espezinhar, sempre achamos motivo; não importa a dimensão da aberração, a parte da razão que não saiu da caverna encontra argumentos para justificá-la. E há sempre um de nós achando motivo para aplaudir o sangue que escorre, a dor que dilacera, o terror que mata, a força que humilha.

Existem tênues variações, por questões de tempo e de espaço, sobre justificativas entre uma crueldade e outra, mas em todas há um pano de fundo comum: intolerância com a diversidade. Há uma atávica dificuldade em aceitar o diferente com naturalidade. Não é de hoje e o tempo parece só agravar esse espírito de rejeição ao diferente. Algo contraditório, pois mais e mais a diversificação se expande. Cristão, muçulmano, judeu, comunista, ateu, negro, branco, mestiço, asiático, europeu, americano, não importa o que seja, ainda não encontramos forma de cada um ser o que bem entende tolerando que outro também seja o que bem entender.

Especificamente sobre o atentado do terror em Nova Iorque pesou, também, os terríveis e ainda insuperáveis confrontos que se travam no subconsciente da humanidade entre a luz e as trevas, entre a ciência e Deus, entre a máquina e a natureza, entre a fé e a insanidade, entre a virtude e o pecado. E, óbvio, a idiossincrasia belicosa que produz as faces negras do ocidentalismo X orientalismo, cultivada com certa demência desde há muito. Em nome de quem, mesmo?

Entre as dúvidas que me incomodam muito está a que se relaciona aos homens-bombas. O que realmente são? Devo chamar o homem-bomba de insano ou devo tratá-lo como idealista? Como se denomina o ser humano que morre por um ideal, por algo que acredita ser transcendente? Como se chama o ser humano que extermina os outros em nome de seu ideal, de sua utopia, de seu sonho?

Como disse, o onze de setembro somos nós, sempre inovando nessa capacidade produzir sofrimento em nome até de Deus!

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Globalização, dom Quixote e alfafa

Apesar de tudo ser efêmero neste mundo virtual o ranço de alguns intelectuais (principalmente os latino americanos que se dizem de esquerda) contra a globalização continua forte. Intelectual de esquerda, a exemplo de Dom Quixote, precisa combater os poderosos inimigos da população para se sentir vivo, realizado, quase em orgasmo. E se a moda de espinafrar a globalização está durando é por que tem público. E permanecerá até que encontrem outro modismo que substitua a altura desse bicho-papão.

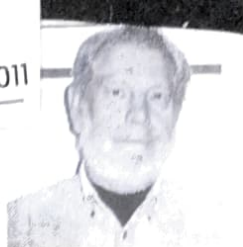
A globalização precisa deixar de ser vista como veneno, entender suas entranhas pode ser a diferença entre engolir e ser engolido. O movimento das pessoas, das ideias, dos produtos, das corporações, das religiões, das matérias primas, da moda nos afeta, é óbvio. Entretanto, da maneira como o assunto é tratado por intelectuais de renome não me surpreenderia se amanhã surgissem manifestações contra a lei da gravidade.

Culturalmente, do Rio Grande para baixo, é tradição ter bode expiatório gordo para a hora de apontar a causa dos nossos problemas. É o modo mais fácil para a gente se tornar protagonista (quanta vaidade encerra esse vocábulo boçal!) e ganhar notoriedade e prestígio. Palavrinhas mágicas (definitivamente, dom Quixote fez escola) como capitalismo, imperialismo, neoliberalismo, globalização ajudam a manter aceso o debate, embora nada esclareça.

Nosso caldo de cultura é o do atraso, é o do pobre coitado sendo historicamente explorado pelos poderosos (em nosso subconsciente viceja a concepção de que o latino-americano é portador de alguma deficiência). Parcela expressiva de nossos intelectuais parece relutar em entrar na modernidade: bons tempos aqueles do escambo! Pois é, foram inventar o dinheiro!

O palavreado ideológico iradosó atrapalha ao invés de ajudar a compreender os movimentos que nos influenciam do nascer ao por do sol, independente do local onde estejamos. Quando os herdeiros do Homo sapiens deixam o leste da África a ocupação da terra se torna real. Essa caminhada rumo à globalização se acelera na medida em que novas tecnologias (roda, agulha, arado, vidro, bússola, naus, transgênicos, internet) se incorporam às rotinas das pessoas. Após ocupar Europa, Ásia, Américas e o restante do mundo as pessoas, agrupadas em bandos, tribos, países ou nações jamais deixam de intercambiar produtos, serviços, tecnologias, sementes, ideias, animais. Essas partes integram o todo que achamos ter iniciado ontem para sobrevivência dos capitalistas. Pura bobagem, a turma da Revolução Permanente que o diga. Veja: rumamos para algo melhor e compreender suas nuances significa encurtar a jornada e abreviar sofrimentos.

Uma pergunta: o que seria da alimentação do brasileiro se a globalização parasse nos primitivos silvícolas? Responder a essa questão é bom exercício para compreender a palavra globalização. Como sementes de trigo, soja, arroz, feijão, milho, centeio, alfafa, cevada vieram parar em nossas lavouras? Como maçã, pêssego, laranja, pera, abacaxi, morango, cana-de-açúcar, mamão, uva, entre outras, vieram para nossos pomares? Como a alface, beterraba, alho, cenoura, pepino, repolho, fava, couve flor, batata, tomate, entre outros, estão hoje em nossas hortas? Como e que cavalos, vacas, galinhas, suínos, ovelhas, entre outros bichos, chegaram até nós? Nem falarei em gaita, colhão, elevador, remédios... Pois é, tudo por causa dessa tal globalização. Seria bem melhor só amendoim, castanha, peixe, batata e ou não é?



Imprensa & Educação X Aliciamento

UM – A semana ferveu a cabeça de quem acredita que a imprensa precisa algum tipo de controle externo. Alguém do bem para evitar que ela faça o mal. A reportagem da “Veja” chamando de “poderoso chefe” o todo poderoso ex-ministro José Dirceu, chefe do mensalão, reacendeu o debate. Trata-se de tema recorrente e, cá entre nós, chato, cansativo. Um controle desses é tão inexequível dentro de padrões democráticos que leva seus próprios defensores à esquizofrenia.

Nunca deu certo e não vai dar, sempre terminará em catástrofe querer controlar a imprensa. A história prova que democracia não se faz sem imprensa livre. Todos os governantes – todos – que controlaram a imprensa tornaram-se tiranos. É o caminho que trilhou Hugo Chávez e que trilharam Fidel, Hitler, Mussolini, Stalin, Peron, Getúlio, os militares brasileiros, uruguaios, argentinos, chilenos. Só da boca pra fora Salvador Allende acreditava em imprensa livre. Em 1971, num congresso de jornalistas chilenos ele foi direto: “Não deve haver lugar para a objetividade no jornalismo, o dever supremo dos jornalistas de esquerda não é servir a verdade, mas a revolução”.

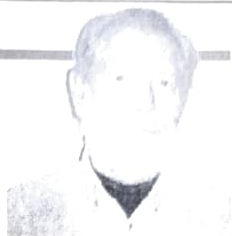
Não adianta espernear, o caminho para abusos cometidos por profissionais e empresas de comunicação social – e os abusos acontecem – deve ser o judiciário.

DOIS – Quando março de 1964 trouxe o golpe militar eu coordenava aquela que deveria ser a primeira turma do curso de alfabetização de adultos pelo método Paulo Freire. O esquema foi um xodó. Aluno do Conceição integrei o grupo que foi a Porto Alegre para o treinamento no Colégio Rosário. Voltei eufórico. No meio do curso o cara que representava os golpistas (nem sei quem!) mandou parar. Mudamos para o antigo posto de Puericultura, atrás do Fagundes dos Reis e, na base da luz de vela, fomos até o fim. Concluir o curso foi fascinante. Em menos de quarenta dias já tinha gente lendo.

A metodologia que nos encantou – a educação libertadora –, que se tornou um achado para nós jovens idealistas, tinha embutido dose cavalares de veneno que o viés ideológico impediu de enxergar e que somente descobriríamos muitos anos depois.

Ali não educávamos, não tínhamos acionado um processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral do ser humano para que ele pudesse obter a sua emancipação. Não era isso que pretendia o método tão encantador. Não transmitiríamos conhecimentos indispensáveis para que cada aluno se tornasse cidadão dono de seu nariz. Estávamos ali para seduzir, catequizar, atrair, doutrinar, para aliciar mentes.

Toquei no assunto porque ainda ouço gente falando de modo empolgado em “educação libertadora” mesmo sabendo que o resultado final será desastroso. Por causa do método Paulo Freire parcela expressiva de minha geração ficou sem rumo, pois todas as instituições (dos burgueses, dos poderosos, dos imperialistas, dos opressores) foram desacreditadas, sem que em seu lugar surgisse algo novo. E a descrença, sabemos, é uma das causas da crise moral que vivenciamos nesse mar de lama que assola o país...



Raiz da violência contra a mulher

A violência contra a mulher tem raízes mais profundas do que minha ignorância imaginava. O martelar de denúncias diárias despertou minha curiosidade e bastou rápido mergulho na história da humanidade para constatar tragédia que vigora. E que remonta à invenção da agricultura e domesticação dos bichos, quando o homem constata que é ele quem coloca a semente para a mulher gerar vida. No macho, até então gentil, cresce aunha: ele assume o controle, sua opinião vira lei, na marra.

Quando os sumérios (2.000a.C.) escrevem na Constituição que “a mulher que se negar ao dever conjugal deverá ser atirada ao rio” dão partida ao processo insano que persiste. Em coro afinado os machos da terra colocam a fêmea em situação de extremo constrangimento. “A mulher é o que há de mais corrupto e corruptível no mundo”, diz Confúcio (520 a.C.), filósofo da China. Sócrates, da decantada civilização grega amplia: “Deve-se temer mais o amor da mulher, do que o ódio do homem.” Outro grego, Aristóteles completa: “A natureza só faz mulheres quando não pode fazer homens. A mulher é, portanto, um homem inferior.” Outros, tidos como grandes, dizem loucuras parecidas: Petrarca, Lutero, Rousseau, Montaigne, Baudelaire...

Como isso repercute na cabeça dos homens na caminhada terrestre? Depreende-se que o resultado é perverso. Com a pujança das religiões e seus ensinamentos escritos por homens – judaísmo (Torá), cristianismo (Bíblia), islamismo (Corão) – a mulher fica em posição subalterna quando e até sinônimo de pecado. Há algo mais cruel? Não fosse a mulher não pecasse ainda estaríamos no paraíso! A pregação muda, mas o estrago fica. E o inquisidor da Idade Média não usa subterfúgio: a mulher encarna o demônio. Assim, sem meias palavras...

Como chegamos ao terceiro milênio? Antes de botar o olhar cínico em Uganda, Índia, Afeganistão, Paquistão, Somália, China, Birmânia registre-se que as mulheres são violentadas física, sexual e psicologicamente em todos os países da América Latina, independente de sua origem social, racial e étnica, conforme o estudo “Nem uma a mais! O direito de viver uma vida livre da violência na América Latina” apresentado na Cepal aos dirigentes da ONU. Entre que pediam igualdade para a mulher está Mao Tse Tung (pedófilo que fazia sexo mesmo tendo doença venérea) e por isso a metade dos 65 milhões de chineses vitimados pelo genocídio que patrocinou era de mulheres.

Ah, sim, e no Velho Mundo hipócrita? Mencione-se que, na Europa, só em Portugal as mulheres são mais espancadas do que as suecas. Pela estatística, metade das portuguesas foi surrada pelo menos uma vez na vida. E a França romântica? Na França, 95% das vítimas de violência são mulheres; 51% são agredidas pelos próprios maridos.

E nós, brasileiros, gaúchos e passo-fundenses? Bem, não temos nada do que nos orgulhar: andamos batendo mesmo. E fato de que a cada 18 minutos uma mulher é espancada nos Estados Unidos não ameniza o que fazemos. A pergunta é: como se faz para extirpar algo que se tornou doentivamente endêmico?

Contra o ponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Carta aberta à presidente Dilma

Excelentíssima Senhora Presidente Dilma Rousseff.

Cordiais Saudações.

Em primeiro lugar quero cumprimenta-la pela decisão de enfrentar a corrupção que engolenosso aparato estatal. Não votei na Senhora também por temer que sua ligação com o Lula pudesse impedi-la de botar a mão nos safados que se adonaram do governo. Felizmente eu estava enganado e a Senhora mostra não tolerar a roubalheira. Não será fácil, mas, Presidente Dilma, tenha certeza que contarás com o maciço apoio dos brasileiros. Esse pessoal que traiu nossos ideais de um Brasil decente, gestado na ditadura – com muitos erros, admita-se – precisa ser varrido do poder.

Quero também fazer coro com o Flávio Tavares. A senhora o leu na ZH? Sabe por que o cito? Para não dizerem que é implicância minha com as esquerdas e o PT. O PT nem devia falar, pois fui dos primeiros no Estado a abrir manchetes para sua criação quando o medo vigorava entre seus organizadores. E ainda quando o pessoal da direita que apoiou a ditadura não fazia parte dele! O que Flávio disse? Aquilo que eu disse aqui no DM um pouco diferente: a ladroagem do passado era feita “ao acaso por indivíduos isolados dentro do aparelho do Estado. Era imoral, mas não chegava ao tom brutal e avassalador que aparece agora e que agiu impunemente desde o primeiro período presidencial de Lula. Já não há corruptos, mas quadrilhas organizadas para o assalto, mascaradas de partidos políticos”. Usando outras palavras diz Flávio que com a direita a roubalheira era episódica e agora, com a esquerda e o PT, a roubalheira é sistêmica.

Realmente não dá mais, a senhora tem razão. O Flávio teme que a senhora, para poder governar, se torne refém das quadrilhas da Câmara e do Senado; ele tem mais informações da realidade política pra dizer isso, mas creio que tal não acontecerá. Sabe por quê? Por que a Senhora demonstra não estar refém nem do Lula, que lhe deu todo apoio. É, tudo tem limite, até a gratidão, mesmo esta não pode levar o que é sagrado.

Outra coisa, Presidente, alguém dirá que não tenho lá muita autoridade para falar sobre dessa ladroagem toda por que o meu partido, o PMDB, também tem corruptos. Há uma turminha no meu partido que quase empata com os mensaleiros, devo reconhecer, sim, mas isso não invalida o que digo e nem justifica que o PT roube mais. A linha agora estabelecida não deve poupar ninguém, como fez com o Partido da República.

E já que a Senhora decidiu enfrentar a barra com a coragem que caracteriza as mulheres, dê uma olhada no dinheiro que vem sendo liberado para as Organizações Não Governamentais – as tais de ONGs que querem distância do governo, mas que só sobrevivem com a delícia das benesses do dinheiro público. Se a metade do que dizem é verdade a coisa é parecida com o que acontece no Ministério dos Transportes. Caso haja tempo puxe as rédeas de quem usa cartões de crédito dentro do Governo: o pessoal tem fascínio em gastar dinheiro público esquecendo o que condenou quando fazia oposição.

Por último senhora presidente, peça que o vice-Presidente Michel Temer dê sua colaboração no combate à ladroeira. Ele não vai se negar. Nós aqui do Rio Grande ainda confiamos nele.

Era isso, Presidente Dilma. Desculpe a impertinência, perdoe se pareço ingênuo, é que frente à situação desesperadora essa luz que a senhora acendeu nos reanima. Obrigado por tentar nos devolver a esperança sobre um futuro decente.

Contraponto

Ivaldino Tasca, jornalista - iatasca@uol.com.br



Gênesis da corrupção da esquerda

Bom, tenho espaço para jorrar minhas perplexidades. Talvez seja inerente à idade a necessidade de expressar o espanto. Venho do tempo forjado na certeza e, de repente, caio em outro onde só vicejam dúvidas. O que faço? Primeiro indago: alguém tem interesse em minhas perplexidades? Se coincidir com o que intriga os outros, sim. É o caso: a corrupção em governos daquilo que denominávamos de esquerda nos anos 60/70 cria coletiva perplexidade. Corrupção que Lula não viu que a presidente Dilma dá mostra não tolerar.

Nos anos 60, ao decidirmos derrubar a ditadura, nosso grupo é obrigado a pensar nas finanças. Várias seriam as fontes: o pai (após negar meu envolvimento com os subversivos), doações de simpatizantes (exigiam sigilo total da identidade), desapropriações (eufemismo para pequenos furtos, roubos, assaltos a bancos) e o pífio bônus da revolução (devolveríamos a grana após a chegada ao poder).

Abro parênteses: por que a opção pelas armas? Com rapidez do relâmpago e arrogância do imberbe aceitamos, como dogma, a tese de que elas eram a única saída (Cuba mandara o recado). O homem é bom, quem o torna mau é o sistema onde está inserido, e um sistema, ensinavam (antes do Muro de Berlin derreter!), não se arrebita com conversa. Muda-se o sistema e o homem novo brota. Vários buscaram esse homem imitando o apóstolo Paulo: Mao, Stalin, Fidel, Che, a família Ceausescu, Pol Pot, caterva (paraíso terrestre).

Fecho parênteses. O pai foi fonte de comida grátis na antiga Churrascaria Gaúcha, militantes até de organizações que não a AP, no apoio a panfletagens, na logística aos estudantes (encaminhar em parte do interior os congressos da UNE de Valinhos em 1967 (o conselho preparatório foi na região dos Lagos-RJ), e Ibiúna, em 1968, (conselho foi em São Carlos-SP). Ocorreram outros empreendimentos como levar perseguidos políticos para a Argentina, antes do golpe deles (operação que exige empréstimo no Banco Francês e Brasileiro, ou seria Francês e Italiano?).

Todo tipo de pessoa fazia pequenas doações: a que queria o fim da ditadura, a que temia nossa cara de pau em pedir dinheiro, a que não queria se incomodar, a que nos tinha por exóticos, a que fazia jogo duplo (não me importava, pois era a que mais dava grana), a que sentia culpa por não vencer medo... a lista é longa.

A desapropriação foi mecanismo financeiro complexo. Para entendê-la deve-se ter presente as circunstâncias da ditadura. Recordemos: o homem é bom, quem o torna mau é o sistema. A isso se somou a máxima: (que ainda vigorava na cabeça de malandros) o fim justifica os meios. Mais: a frase toda propriedade é um roubo, do anarquista Pierre Joseph Proudhon, ainda é o crack de alguns. Simples, não é? Era luta difícil contra a burguesia, o imperialismo, a elite, os reacionários, a direita e asseclas quem antinham a opressão. A coisa começou pequena: desapropriação de livros de intelectual francês boçal, de folhas de ofício para panfletos, de materiais (pão, mortadela, manteiga, açúcar, café) para encontros clandestinos até chegar à desapropriação de armas em quartéis e grana em bancos.

Bem, a democracia retorna, parte do pessoal chega ao Palácio do Planalto sem mudar o modo de pensar (o cachimbo entorta a boca!) e bota a mão na grana pública, corrompe de um jeito que deixa adireita, (execrada por nós) encabulada: o mensalão é somente a parte visível... Alguém lembra de um tempo com tanta corrupção como este?